



A Questão agrária na Amazônia oriental: reflexões a partir da primeira experiência agroecológica do MST no Estado do Pará

The agrarian question in the eastern amazon: reflections from the first agroecological experience of MST in the state of Pará

SANTOS, Andrey Henrique Figueiredo dos ¹

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), mestrando em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS), membro do Grupo de Pesquisa Territorialização Camponesa na Amazônia (GPTECA/UEPA), andreyhenrique@hotmail.com

Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: A proposta deste trabalho é compartilhar empiricamente juntamente com reflexões teóricas acerca da questão agrária, a primeira experiência intencional de Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) no Estado do Pará. A experiência ocorre no Assentamento Mártires de Abril (ilha de Mosqueiro - Belém), mais precisamente no Lote Agroecológico de Produção Orgânica – Lapo. A pesquisa tem como objetivo relacionar tal experiência agroecológica, com a questão agrária local em uma análise qualitativa. Metodologicamente, estou partindo: a) de informações secundárias e documental; b) trabalhos de campo; c) diário de campo; conversações informais e d) entrevistas semiestruturadas. Como guisa de conclusão, a reflexão feita é que, a partir das ações desempenhadas dentro e fora (explicitadas no texto) do Lapo, surgiram outras narrativas agroecológicas no Pará, disseminando assim, uma questão agrária cotidiana pela, tendo como bandeira de luta a Agroecologia.

Palavras-chave: Questão Agrária; Região metropolitana de Belém (RMB); Agroecologia; assentamento Mártires de Abril; Lote agroecológico de produção orgânica.

Keywords: Agrarian question, Metropolitan region of the city of Belém; Agroecology; Mártires de Abril settlement; Lot agroecologic organic production.

Introdução

A lógica industrial instala-se no campo, através de um projeto político-ideológico com a promessa de levar o progresso, o que promoveria o desenvolvimento rural, e libertaria a sociedade em definitivo do flagelo da fome (PETERSEN, 2015). Tendo o pano de fundo a Revolução Verde, foi com esse discurso – e de proposições do neoliberalismo, apoiado por bancos e instituições internacionais –, que o agronegócio se expandiu nos campos da América Latina, e no Brasil em particular.

E nesse campo de narrativas em disputas, no processo de expansão e consolidação territorial do agronegócio, o “jogo sujo” acontece. Na verdade, conforme identifica Robin (2012), há uma aliança entre a indústria e a mídia, para ocultar da opinião pública os reais efeitos de tal prática no ambiente e na saúde humana. Nessa conduta, as empresas não têm pejo de subornar autoridades oficiais, cientistas, e controlar a mídia. Como se sabe (ou não sabe?), é mostrado apenas o lado



produtivista e “moderno” desse setor econômico do país, com suas produções “ecologicamente corretas” ocultando uma questão agrária – mais presente do que nunca –, mas o Estado insiste em financiá-lo, sustentando o insustentável.

É interessante destacar que quando o MST surge, suas primeiras elaborações vão sendo feitas e atualizadas, e movimento vai reconhecendo o campesinato como o guardião das florestas, das sementes, dos rios e da fauna. Entende que os territórios conquistados possuem uma função para com a sociedade e com o planeta, não somente de produzir alimentos, mas de cuidado com a natureza (ZARREF, 2018). Porém, o debate agroecológico só começa a se fortificar na década de 1990 dentro do MST e na Via Campesina (PADULA et al, 2013), dito isso, aqui vai uma advertência: a agroecologia precisa ser contextualizada na região amazônica de uma forma mais prudente, evitando uma generalização perigosa de significados mais relacionados com o Centro-Sul brasileiro (SILVA et al., 2015).

A experiência do Lote Agroecológico de Produção Orgânica (Lapo) tornou-se uma referência no Estado do Pará, pois, segundo Rocha et al., (2015) foi a primeira experiência concreta e intencional do MST no Estado em desenvolver uma produção baseado na Agroecologia. Portanto, trata-se de uma experiência de produção familiar, baseado nos princípios da Educação Popular. Tal experiência inspirou a ideia de lotes familiares com identidade visual, inclusive, começasse a se espalhar pela Regional Cabana¹.

Metodologia

O Lapo encontra-se dentro do assentamento Mártires de Abril, na ilha de Mosqueiro, distrito administrativo do município de Belém. A criação do assentamento se deu em 2001, sendo que a ocupação da então Fazenda Taba (Transportes Aéreos da Bacia Amazônica) aconteceu em 1999, onde foram assentadas 91 famílias, cada uma delas com média de 4ha (quatro hectares) por lote. Nesse sentido, com base em uma metodologia qualitativa, a pesquisa utilizou-se de levantamento de informações secundárias e documental; trabalhos de campo partindo da pesquisa-ação (participando de mutirões e atividades mais pontuais no lote) permitindo a compreensão em ato, com o intuito de desvelar a complexidade deste objeto de estudo e identificar seus principais gargalos; diário de campo (com anotações sobre o cotidiano no Lapo e construções de mapas mentais para organizar melhor as ideias); conversações informais e entrevistas semiestruturadas com a agricultora (proprietária do lote).

¹A mesorregião do Nordeste paraense e a Região Metropolitana de Belém, para o MST, é uma de suas regionais que faz homenagem a Cabanagem, que foi um movimento da maior revolta popular regional do Brasil e ocorreu na Amazônia no século XIX. Tendo como exemplo do surgimento dos lotes com identidade visual: Sistema Agroecológico de Produção Orgânica (Sapo), localizado no Assentamento João Batista em Castanhal-PA, entre outras experiências pelo Estado.



Resultados e discussões

O assentamento Mártires de Abril, criado em 2001 (após 4 despejos violentos), vivenciou uma tentativa não concluída de coletivização da produção que deixou marcas ainda hoje entre os assentados. Em entrevista, dona Teófila Nunes (dona Téó, como gosta de ser chamada) relatava que em 2004, o projeto do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) do seu grupo, na qual o lote que futuramente se chamaria Lapo fazia parte, acidentalmente pegou fogo. Foi um momento trágico e divisor de águas na vida das famílias que faziam parte do coletivo. Naquele momento acordou-se que cada família iria cuidar do seu lote.

Então em 2005, o casal Mamede e Téó (Mamede Oliveira e Teófila Nunes), criaram o Lapo, e fizeram um pacto, na qual nunca iriam utilizar insumos químicos no espaço. Desde então começa a transição agroecológica. Em 2012, seu Mamede é assassinado dentro do lote, deixando um legado de memórias e compartilhamentos de conhecimentos que perpetuam até os dias de hoje. Atualmente dona Téó tem 66 anos, e, além de pedagoga por formação, é pós-graduada em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Agroambiental (DAZ) pelo Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará (NCADR/UFPa). Também é camponesa (auto categorização) e militante no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST-PA), atuando na área no setor de produção do movimento.

Hoje, o Lapo conta com uma produção diversificada de 130 espécies vegetais e cinco (5) espécies animais (patos, peixes, galinhas, porcos, abelhas [apis]), que são utilizadas diretamente como alimentos, adubação verde ou uso para a saúde (como plantas medicinais), sempre buscando manter o equilíbrio com a terra e seguindo sempre os ensinamentos que o companheiro Mamede deixou a todos para entender a terra, como dizia, “a terra é como a gente, não gosta de ficar pelada”. Há também a atividade de apicultura com um pequeno apiário atualmente com duas caixas. O mel produzido por abelhas sem ferrão, serve para o seu autoconsumo e o restante para comercialização. O conhecimento sobre as abelhas sem ferrão (*Meliponicultura*) é milenar, a literatura nos mostra que indígenas já se relacionavam com essa espécie de abelha (com várias finalidades).

[...] Como você vai fazer essa diversificação? Com adubo orgânico, né? Você vai ficar comprando esterco? Aí vem toda uma cadeia, né? Aí vamos comprar umas galinhas para ter esterco, para produzir esterco, daí você produz o adubo. Basta só isso? Tem adubação verde, então você vai plantando mais culturas leguminosas, outros plantios que vai te ajudar na adubação que são aquelas que cabem nitrogênio, enfim... Aí a gente foi fazendo isso, foi avançando, hoje a gente está consolidado. Tem lote aqui que ainda está nesse estágio de descobrir, confiar nessa questão da adubação verde, que ainda não compreendeu muito como é. Aí às vezes tem a formação. Ai às vezes nem é só formação. É que não confia, por que muitos querem o imediatismo, né? [...]. (Dona Téó, entrevista realizada em setembro de 2016).



Percebes aquele que lê, que se trata de uma fala conhecedora do assunto. Dona Téó, elenca vários elementos para um processo de autonomia através da agroecologia. São mais de 13 anos nesse processo de um saber compartilhado de forma diária em busca de uma agricultura sustentável. A agroecologia valoriza a vida humana e todas as formas de vida. É por isso que a biodiversidade é sua condição intrínseca (MACHADO e MACHADO-FILHO, 2014). Nesse sentido, a questão agrária aqui, será compreendida de uma forma multifacetada onde ela não é algo do passado, pelo contrário, ela existe e se manifesta nas mais diferentes formas no cotidiano, “aqui e naquilo, em todo o lugar, ação e objeto. Em cada estado brasileiro a questão agrária se manifesta” (FERNANDES, 2011, p. 4.) seja na luta pela terra, ou por exemplo no excessivo de agrotóxico, na difusão de experiências baseadas na agroecologia, na priorização do mercado externo como canal de comercialização, na construção de mercados alternativos de base solidária, entre tantas outras formas (MARCOS, 2016).

A questão do diálogo se dá de forma muito presente no lote. É comum turmas de graduação e pós-graduação dos mais variados cursos das universidades dos municípios da Região Metropolitana de Belém (RMB) visitarem o lote para a realização de pesquisas e projetos de extensão. É de se notar também a presença da agricultura em feiras agroecológicas divulgando seus produtos, e em eventos acadêmicos, participando de mesas redondas etc. Vale ressaltar que o lote é aberto para formação dos mais variados temas entre agricultores, professores e estudantes. Essas vivências também são responsáveis pela interação do Lapo com outras famílias do assentamento. Dona Téó em um dos nossos diálogos enfatizou que: “o Lapo é uma trincheira de luta”. Penso que essas manifestações no cotidiano no interior do processo agroecológico são poderosas, e rompe com a visão clássica da questão agrária que liga o acesso à terra, abrindo novos horizontes para a sua compreensão.

Para (não) concluir, para seguir...

A questão agrária amazônica assume novas demandas, fruto das suas (re)configurações no espaço-tempo, e, nesse processo, a agroecologia faz parte do quadro de debates recentes agregados à geografia agrária. E nesse ponto, é importante que o debate da ciência agroecológica na Amazônia entenda suas funções e desafios para avançarmos no debate sobre a questão agrária brasileira. Nesse sentido, o estudo do processo de transição agroecológica mostra-se relevante para a compreensão da questão agrária na Amazônia, pois, demonstra os impactos que a agricultura industrial traz para o ambiente, saúde humana e para a alimentação da sociedade brasileira, e mais, auxilia a revelar a faceta macabra do agronegócio, expropriação de terras, conflitos fundiários e usurpação de direitos humanos. O Estado do Pará está marcado por cicatrizes (que por vezes, feridas abertas) como essas citadas acima.

Concomitante, longe de romantizar, e com plena lucidez que as dificuldades e limitantes do Lapo são muitas, entre elas, a ausência de política pública voltada para



a Agroecologia no assentamento, a limitação física da dona Téo (tendo como objetivo atual manter o que já foi desenvolvimento no lote). Portanto, o traçado do escrito foi trazer a narrativa agroecológica como exemplo de experiência na concretude cotidiana dos movimentos sociais que se é possível desempenhar e disseminar a bandeira da Agroecologia para a sociedade. Vale ressaltar que a partir do Lapo, várias narrativas agroecológicas se inspiraram e surgiram em vários municípios espalhados pelo Estado do Pará. Mas, mais do que produzir alimentos saudáveis com a garantia da segurança e soberania alimentar, este trabalho aponta para a direção de potencializar essa experiência, compreendendo como manifestação da questão agrária no cotidiano entre encontro de saberes.

Referências bibliográficas

FERNANDES, B. **Questão agrária:** conflitualidade e desenvolvimento territorial rural. São Paulo. Slp, 2011, p. 57.

MACHADO, L.; MACHADO FILHO, Luiz. **A Dialética da agroecologia:** contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo. Expressão Popular, 2014.

MARCOS, Valéria de. “Novas (ou) velhas alternativas para o campo na Amazônia e a questão agrária na atualidade”. In: MACEDO, Cátia; BRINGEL, Fabiano; SOUSA, Rafael; SANTANA, Rosiete. (Orgs.). **Os “nós” da questão agrária na Amazônia.** Belem-PA, editora Açai, 2016. p. 9-26.

PADULA, J. et al.. Os caminhos da agroecologia no Brasil. In: GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. S. **Agroecologia:** princípios e reflexões conceituais. Brasília-DF: Embrapa, 2013. p. 37-72.

PETERSEN, P. “Agroecologia: Um antídoto contra a amnésia biocultural”. In: TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. (Orgs.). **A memória biocultural:** a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p.11-15.

ROBIN, M. **Nuestro Veneno Cotidiano.** Barcelona, Península, 2012.

ROCHA, A.; SILVA, Danilo.; ASSIS, Rafael.; SENA, Wesley. **Agroecologia na Amazônia:** uma alternativa para o sistema de “derruba e queima”, estudo de caso do lote agroecológico de produção orgânica (LAPO). Cad. Agroecol. v. 10, n. 3, 2015. Disponível em <<http://www.abaagroecologia.org.br>>. Acesso em: 25 Junho 2019.

SILVA, L.; SILVA, M.; SOUZA, H.; FILHO, G. “Valorizando conhecimentos Agroecológicos: Uma experiência Metodológica do Fórum Regional De educação do Campo (Freec), nas regiões Sul e Sudeste do Estado do Pará”. In: FRAXE, Therezinha.; CASTRO, Albejamere.; SANTIAGO, Jozane. (Orgs.). **Agroecologia em sociedades Amazônicas.** Manaus: Editora & Gráfica Moderna, 2015. p. 43-65.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



ZARREF, L. **Agroecologia e o MST**. [2018] Disponível em:<<http://www.mst.org.br/>>. Acesso em 04 Abril 2019.